Jornal da **Liga Comunista** - Ano I - # 1 - out/2010 - liga_comunista@yahoo.com.br - R$3 - edição revisada em fev/2011

PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL, O PARTIDO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

WORKERS OF THE WORLD UNITE IN THE IVth INTERNATIONAL!

Nasce a Liga Comunista

Construir o Partido Trotskista revolucionário da classe operária!

BOICOTE O CIRCO ELEITORAL
LIGA COMUNISTA

ANULE SEU VOTO OU BOICOTE A PALHAÇADA DO CIRCO ELEITORAL BURGUÊS!

CONSTRUIR UMA OPOSIÇÃO OPERÁRIA REVOLUCIONÁRIA AOS GOVERNOS DE DILMA E ALCKMIN

Liga Comunista – Centro de Luta do Partido Internacionalista
Comitê Operário Revolucionário (COR) - entre em contato conosco: corevolucionario@gmail.com

BOICOTE OU VOTE NULO

...A, NEM SERRA

...osição revolucionária ...es ao governo burguês legitimado pela farsa eleitoral!

Liga Comunista - LC
Centro de Luta do Partido Internacionalista - CLPI
Comitê Operário Revolucionário

CAMPANHA PELO BOICOTE AO CIRCO ELEITORAL BURGUÊS NOS CENTROS PROLETÁRIOS

Pichações, panfletos e cartazes na capital e ABC paulista

+ NESTA EDIÇÃO

O proletariado diante da encruzilhada: Superar o freio imposto por suas direções oportunistas ou ser derrotado pelo imperialismo

Por uma oposição revolucionária dos trabalhadores ao governo burguês “legitimado” pela farsa eleitoral!

Em discurso na Praça Sete, coração de Belo Horizonte (MG), no dia 16 de outubro, Lula encerrava o comício de Dilma reclamando mais uma vez da ingratidão das classes dominantes, pois embora “as pessoas ricas foram as que mais ganharam dinheiro no meu governo... não conseguiram superar o preconceito contra um metalúrgico ser presidente” e teriam “medo” de que uma mulher viesse a ganhar a disputa pelo Palácio do Planalto. Apesar de sua candidata ser a favorita em todas as mesas da grande burguesia internacional a existência da disputa no segundo turno sempre aloja o risco da derrota. Em Minas, Lula apelava à velha fórmula popular que o consagrou como um homem do povão que dá ótimos rendimentos à burguesia. Ele está certo quando cobra mais confiança aos patrões pelos serviços prestados.

As classes dominantes nunca permitiram ao petista ganhar uma eleição presidencial no primeiro turno das cinco que disputou. As últimas duas ele só venceu no segundo turno. Mesmo com uma imensa popularidade e o bom desempenho na pacificação da luta de classes, realização de reformas antioperárias e comandando a ocupação militar do Haiti - a mando de Bush - no seu primeiro mandato, foi obrigado a suar a camisa para ganhar de Alckmin em 2006. Não poderia ser diferente com Dilma, mesmo sendo a candidata preferencial. Para seguir o caminho tem de ajoelhar-se e comprometer-se que renderá mais dinheiro para o bolso dos ricos que seu criador.

CANDIDATA A PRIMEIRA PRESIDENTE BURGUESA DO PAÍS COMPROMETE-SE COM A MANUTENÇÃO DA OPRESSÃO CLERICAL SOBRE AS TRABALHADORAS E OS GAYS

Em 2002, para receber o aval do imperialismo foi necessário lançar a “Carta aos brasileiros” (que passou a ser popularmente conhecida como carta aos banqueiros), oferecendo todas as garantias que honraria o pagamento dos compromissos de dependência do Brasil com o grande capital financeiro. Agora, Dilma teve de lançar mão de uma carta aos reacionários contra o direito ao aborto e os direitos civis e democráticos dos homossexuais. Assim, a primeira mulher presidente burguesa do país garante a manutenção da opressão clerical sobre as trabalhadoras e minorias sexuais, perseguidas pela reação religiosa que avança acoplada à nova ofensiva mundial imperialista. Como pode ser notado nas eleições parlamentares ianques, através da agressiva direita republicana (Tea Party) e, no Brasil, empurrando para a direita a plataforma dos candidatos nas eleições presidenciais.

Vale lembrar que os superlucros burgueses dependem da superexploração da classe operária e, sobretudo, dos setores mais oprimidos da população, ou seja, das mulheres e dos homossexuais que, desvalorizados pela opressão social que sofrem, chegam a custar aos patrões metade do que pagam aos operários heterossexuais para executar a mesma função.

Submeter-se ao segundo turno virou um ritual de provação onde o PT compromete-se a dobrar a aposta de servilismo para a grande burguesia mundial e tupiniquim.

A oposição burguesa passa por uma reciclagem ecocapitalista, primeiro pela criação de um bloco patronal mais de centro em torno de Marina, ao qual devem se somar tanto políticos da velha oligarquia patronal, querendo lavar a cara, quanto petistas e também psolistas. Em segundo lugar, através de mandatos como o de Alckmin (SP) e Anastasia (MG) a oposição tucana irá reorientar sua convivência com a frente popular para reduzir a um mínimo de barganha necessária os atritos políticos com o bloco petista a fim de aprofundar ao máximo a colaboração técnica na administração das várias esferas da máquina estatal contra os trabalhadores.

O ENRIQUECIMENTO DA CÚPULA PETISTA E O EMPOBRECIMENTO DOS TRABALHADORES

Para o PT, obviamente, tudo isto vale a pena. Pois não foi só a burguesia tradicional quem ganhou mais dinheiro na era Lula. A direção do partido (Dirceu, Gushiken, Berzoini, Palloci, ...) também vem enriquecendo na era Lula de forma bem mais robusta do que os novos empresários negros da África do Sul sob o governo do CNA e a boliburguesia chavista venezuelana.

Quanto à classe operária, vem sendo tapeada com espelhinhos. A renda média dos trabalhadores em 2009 é de 20 reais a menos do que em 1996 (IBGE, citado por Folha de S. Paulo, 10/09/2010). A desigualdade entre as 20 mil famílias patronais e os milhões de trabalhadores aumentou ainda mais com a crise econômica.

O arrocho salarial é camuflado por índices inflacionários maquiados e a população trata de compensar a queda em sua renda submetendo-se a uma sufocante escravidão por dívida. Quase 60% das famílias trabalhadoras estão atoladas em dívidas e reconhece que não tem condições de pagar as contas.

Na era Lula, recriou-se uma versão moderna do “sistema de barracão”, onde o proletariado que é induzido ao sobre-endividamento tem seus “ganhos” completamente exauridos no dia do pagamento através de dívidas impagáveis contraídas a crédito. Por terem adquirido alguns de seus sonhos de consumo como celulares, computadores, eletrodomésticos, carros e casas, aos quais tem direito, pois são os produtores de toda riqueza, os trabalhadores acreditam que melhoraram de vida, quando de fato encontram-se escravizados por dívidas, ganhando menos e tendo que trabalhar mais.

As campanhas salariais deste 2º semestre, correios, metalúrgicos, petroleiros e bancários, foram desmontadas para não prejudicar as campanhas eleitorais dos partidos dirigentes dos sindicatos. Nos metalúrgicos paulistas, por exemplo, desde o PT no ABC até o PSTU em São José dos Campos, todos comemoram acordos salariais miseráveis, tendo como referência o falacioso “aumento real” de 4,5%, dentro de índices de reajuste de menos de dois dígitos que nem de longe repõem a inflação real e menos ainda as perdas salariais acumuladas. Arroz, feijão e carne, o prato tradicional do trabalhador brasileiro, tiveram alta de 61% neste ano. Os novos contratos de aluguéis e o valor dos imóveis em geral também dispararam em 2010.

A MAIOR ABSTENÇÃO DA DÉCADA E A IMPOTÊNCIA DOS PARTIDOS PEQUENO-BURGUESES PSOL, PSTU, PCB, PCO

Cerca de 25 milhões de eleitores não compareceram às urnas e nove milhões votaram em branco ou nulo. Mais de 34 milhões não votaram para presidente e 37 milhões não votaram para governador. São quase 30% dos eleitores que expressaram (mesmo

SEGUE ➔

A “moderna” superexploração da juventude

O setor de call-center (ou telemarketing) possui seis vezes mais trabalhadores que a indústria automobilística. As empresas do ramo deverão fechar o ano com 37 mil novos funcionários (quase duas fábricas da Volkswagen de São Bernardo do Campo). A quantidade de trabalhadores do hand--set (aquele aparelho que mistura fone de ouvido e microfone e “pluga” o operador ao telefone) no Brasil deverá fechar 2010 empregando um milhão de pessoas. Hoje, essa é a principal “oportunidade” de trabalho oferecida à juventude proletária pelo capitalismo tendo como gerente o governo Lula.

Em apenas uma década, as empresas de call-center entraram para o clube dos maiores empregadores do País. A Atento e a Contax somadas possuem quase 150 mil funcionários, o que as coloca entre as quatro maiores contratadoras do setor privado – atrás de Pão de Açúcar e Casas Bahia.

Lula visita uma empresa de Call-Center onde para centenas de jovens se abriu a “oportunidade” de serem superexplorados

ESCRAVIDÃO + ALTA TECNOLOGIA = LUCROS BILIONÁRIOS

A ofensiva imperialista após a restauração capitalista na URSS impulsionou as privatizações das empresas estatais de telefonia (em 1998, todo o sistema Telebrás, formado por 27 empresas concessionárias e um centro nacional de excelência em pesquisa, o CPQd, foi privatizado por FHC). Paralelo a isto se desenvolveu a subcontratação (terceirização e quarterização) dos serviços telefônicos estatais e também de atendimento ao consumidor das empresas privadas e uma enorme precarização das condições de trabalho. A este processo de destruição de conquistas trabalhistas históricas a burguesia aliou poderosos avanços tecnológicos, como a passagem do sistema analógico para o digital e a substituição das redes telefônicas convencionais por redes de fibras ópticas, permitindo o acesso aos sistemas de comunicação que integram dados, voz, texto e imagem.

Esta combinação de escravização da mão de obra e tecnologia avançada reuniu as condições favoráveis à criação dos Call-centers, máquinas de fazer dinheiro baseadas no aumento da produtividade à custa do sangue dos filhos da classe trabalhadora.

Fabricou-se uma imensa categoria de subempregados, cujas condições de trabalho e salários miseráveis, são embelezados pelo anúncio de que a jornada de 6h permite ao teleoperador trabalhar e estudar. Além dos salários baixos, os teleoperadores, jovens e, em sua maioria, mulheres, são submetidos a um opressivo controle do trabalho. O não cumprimento de metas significa demissão sumária. Confinados a uma Posição de Atendimento (PA), durante seis horas por dia, sob uma opressão psicológica e física, tem todos os seus passos monitorados pelos supervisores. O principal instrumento desse controle é a própria gravação das ligações, ferramenta utilizada em futuras punições que em sua maioria não passam de armações trabalhistas.

A rotina diária do teleoperador é superexploração, humilhações em público, assédio sexual e moral, além de serem oferecidas ferramentas de trabalho em péssimas condições o que agrava mais ainda sua saúde acometendo-o de doenças físicas (tendinite, surdez, ...) e psíquicas como síndrome do pânico e outras fobias.

Outro método de opressão adotado é o controle do Tempo Médio de Atendimento (TMA), que serve para acelerar o

---

... BALANÇO E PERSPECTIVAS DAS ELEIÇÕES 2010

passiva e deformadamente) uma crescente insatisfação popular contra a farsa eleitoral. Outro significado destes números é o de que eles representam a maior abstenção da década.

As abstenções de 2010 foram de 4 milhões a mais do que em 2002 e 5 milhões a mais do que em 2006. Por outro lado, mesmo se somarmos a votação de todos os partidos pequeno-burgueses PSOL (0,87%), PSTU (0,08%), PCB (0,04%) e PCO (0,01%) não obteremos 1% dos votos! Enquanto o repúdio popular cresceu, a votação dos revisionistas despencou.

Heloísa Helena teve 6,5 milhões de votos em 2006 e Plínio não chegou a 15% dessa cifra. O mesmo Zé Maria que agora obteve 80 mil votos, recebeu 400 mil em 2002, concorrendo contra Lula! Rui Costa Pimenta que sacou 12 mil este ano, já chegou a ter mais de três vezes esta quantidade de eleitores, 38 mil, em 2002. Conclusão: cresce o repúdio popular também contra os revisionistas. Isto indica tanto a impotência destes partidos para enfrentar as organizações políticas da burguesia quanto sua incapacidade crônica para capitalizar o crescente descontentamento da população proletária com a democracia dos ricos. Estes partidos contentam-se em abordar a classe apenas para pedir votos nas eleições burguesas ou sindicais.

Não basta responsabilizar a ausência de uma direção revolucionária para o proletariado pelas derrotas que sofre. É preciso construir essa direção política a partir de um trabalho paciente diretamente com a classe, o que significa organizar desde já a construção de uma verdadeira oposição operária revolucionária aos governos patronais “legitimados” nesta farsa eleitoral. Nesse sentido, a jovem Liga Comunista deu passos modestos, porém importantes, para a construção desta alternativa, rompendo com o sectarismo que divide as pequenas organizações de vanguarda, construindo o Comitê Operário Revolucionário e realizando uma importante campanha pelo voto nulo e boicote ativo (vide materiais e atividades na contracapa deste O Bolchevique) em meio às grandes concentrações operárias de São Paulo.

atendimento do operador, a fim de que ele aumente o número de ligações atendidas. O não cumprimento do TMA, como de outras metas, resulta, além das demissões, nas famosas salas de feedback, que não passam de salas de torturas psicológicas.

O único momento em que o operador se despluga do telefone é em sua "pausa" de vinte minutos, tempo em que é obrigado a optar se a utiliza para engolir alguma coisa ou para ir ao banheiro, já que até o direito a realizar suas necessidades fisiológicas lhe é retirado.

O resultado de toda essa exploração ao trabalhador só poderia resultar no grande lucro que as empresas no ramo de telefonia e cartões de crédito (Telefónica, Claro, TIM, Vivo, Redecard, Cielo e outras) obtêm todos os anos. Tanto é que o maior bilionário do mundo, que ultrapassou Bill Gates em meio à crise econômica mundial, é Carlos Slim, ninguém menos que o dono da Claro, da Embratel e um dos principais acionistas da NET.

Em 2008, a Contax explorava 75 mil funcionários, possuía 32 mil PAs e faturou 1,77 bilhões de reais. No mesmo ano, a Atento tinha 73 mil funcionários, 31 mil PAs e embolsou 1,73 bilhões de reais. Crescendo 10% ao ano e se concentrando cada vez mais, o setor aumentou com a crise financeira. Em setembro de 2010 a Contax comprou a Ability, uma das líderes em Trade Marketing no país, que em seu portfólio de clientes inclui Adidas, HP, Itaú, Nokia e Philips. A Ability obteve um faturamento de 104 milhões de reais em 2009.

NOSSA LUTA POR ORGANIZAR OS TELEOPERADORES PAULISTAS CONTRA AS MÁFIAS DA FORÇA SINDICAL E DO PCdoB/CTB

As empresas possuem dois aliados fundamentais para a manutenção das condições escravas de trabalho, os sindicatos pelegos SINTETEL e SINTRATEL, no estado de São Paulo, dirigidos pela Força Sindical e PCdoB/CTB, respectivamente, os quais são responsáveis pelos acordos sujos com a patronal e cúmplices da opressão que sofre a categoria. Ambos ligados diretamente ao governo capitalista do PT, apoiam a criminosa exploração do trabalhador que é a terceirização.

O governo Lula foi o responsável por assinar em 2008 o decreto número 6.523, que obriga empresas de Call-Center a atender as ligações em até um minuto. Isso fez com que o ritmo do serviço prestado, que já era acelerado, ficasse ainda mais desumano. Mais uma vez, toda responsabilidade recaiu sobre os ombros dos teleoperadores, e diante de mais esse ataque brutal à categoria, os sindicatos se mantiveram ao lado da patronal.

CONLUTAS E INTERSINDICAL EXCLUÍRAM CRIMINOSAMENTE DO CONCLAT A MAIOR CATEGORIA DE JOVENS TRABALHADORAS

Por sua vez, a Conlutas, que formalmente tanto diz defender a mulher trabalhadora, opõe-se a apresentar uma alternativa de organização para a categoria, já que o PSTU privilegia fazer um sindicalismo oficialista, tolerado pelos pelegos e patrões, que não serve para organizar uma categoria de trabalhadores privados extremamente precarizados como os teleoperadores.

Quando estávamos na LBI, através da Oposição de Luta dos Trabalhadores Teleoperadores-SP nossa militância na categoria nos possibilitou vencer com uma maioria de 2/3 (20 votos) de teleoperadores a eleição de delegados ao I Congresso da Conlutas em Betim, em 2008, derrotando o PSTU e a LER na assembleia.

Todavia, a burocratização da Conlutas, com vistas a fundir-se com a Intersindical no Conclat, impôs que só poderiam participar do congresso as oposições que tivessem disputados eleições sindicais. Disputar eleições sindicais com a Força Sindical e a CTB em uma categoria tão ultraprecarizada seria suicidar todo trabalho da oposição, já extremamente penoso e necessariamente clandestino. Como pré-requisito para participar do CONCLAT, queriam que entregássemos de bandeja a cabeça de nossos ativistas para os pelegos os delatarem às empresas que trabalham. Resultado: de forma criminosa a Conlutas e a Intersindical, controladas respectivamente pelo PSTU e PSOL, excluíram a categoria que mais emprega proletários precarizados no país.

Por orientar-se com monstruosidade burocrática deste tipo, de cerceamento dos direitos políticos de participação da juventude operária tal "Congresso da Classe Trabalhadora" não poderia mesmo ter futuro algum, por isso resultou na implosão desmoralizante para os burocratas do PSTU e PSOL.

APROPRIAR-SE DO DESENVOLVIMENTO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA ORGANIZAR A JUVENTUDE PROLETÁRIA

É preciso organizar a categoria, primeiramente para unifica-la contra a divisão imposta pelas máfias pelegas em torno do ramo de tecnologia de informação, agrupando os trabalhadores das empreiteiras, das empresas de Call-Center, dos provedores de Internet, das empresas de TV a cabo, de teleatendimento, de telemarketing e das telefonistas em geral.

Realizar uma campanha por condições dignas de trabalho, combater os mortificantes ritmos de produtividade, lutar por um salário digno capaz de suprir as necessidades da vida de uma família proletária, para que não nos convertamos apenas em ofice-boys que transferem todo o raquítico salário recebido das empresas de call-centers para as faculdades privadas que fazemos na esperança de sairmos do subemprego para um emprego.

Todavia, para avançarmos efetivamente, nós trabalhadoras e exploradas temos que adquirir a consciência de que não nos resta outra alternativa a não ser lutar contra todo o capitalismo, defendendo, por exemplo, a estatização sob controle operário com expropriação sem indenização de todas as empresas de tecnologia de informação, da educação, da saúde e dos transportes.

Por reconhecer que esta luta está vinculada à organização da conquista do poder político pela classe trabalhadora de forma revolucionária, nós da Liga Comunista impulsionamos a Oposição de Luta dos Trabalhadores Teleoperadores contra a perseguição patronal de forma clandestina, conspirativa, utilizando os métodos mais modernos de comunicação telefônica e virtual, que as empresas utilizam para nos explorar, sem deixar de levar em conta que está tudo grampeado pelos patrões.

É preciso fazer do limão a limonada, aproveitar de nossa condição na divisão do trabalho para aprimorar nossa organização política e conquistar o verdadeiro triunfo de cada luta: a união cada vez maior da classe trabalhadora. Como nos ensinaram os fundadores de nosso movimento: "Às vezes, os operários triunfam; mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas é menos o sucesso imediato que a crescente união dos trabalhadores. Essa união é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação que são criados pela grande indústria e que permitem aos operários de diferentes localidades tomarem contato. Ora, é suficiente essa tomada de contato para centralizar as numerosas lutas locais que em toda parte assumem o mesmo caráter numa luta nacional, numa luta de classes." (Marx e Engels, Manifesto do Partido Comunista, 1848).

Nádia Silva, teleoperadora e militante da Liga Comunista

MUNICIPÁRIOS - SÃO PAULO

Derrotar a privatização do sistema de saúde antes que os parasitas capitalistas e seus governos matem a nós e aos pacientes

Os funcionários públicos do município de São Paulo nunca foram tão saqueados, como sob o governo do DEM, partido que expressa o que há de mais reacionário na política burguesa nacional. Com baixos salários, a categoria é obrigada a se contentar com gratificações concedidas pela prefeitura para evitar exonerações em massa, mas que não representam aumento real dos salários e não alcançam os trabalhadores aposentados.

Para não contratar novos profissionais, o arquicorrupto governo Kassab obriga os trabalhadores a apresentarem "taxas de produção", ou seja, número de pacientes atendidos por jornada cada vez mais elevado. O paciente tem seu tempo de consulta reduzido, além de ser forçado a tratar do que tem de mais precioso, sua saúde, com um profissional estressado, insatisfeito e que precisa atender com pressa para atingir um número esperado de consultas a fim de, então, receber o chamado "Prêmio de Produção por Desempenho, um pequeno adicional ao salário mediante apresentação de cada vez maior quantidade de pessoas atendidas por hora de serviço. Essa prática perversa torna a saúde pública, já precarizada, ainda mais agonizante, pois o paciente é tratado como um número de uma meta a ser alcançada sob condições de trabalho extremamente precárias.

Para complicar a situação, o Sindsep, Sindicato dos Servidores Públicos Municipais, é controlado pela CUT, sofrendo influência da corrente "O Trabalho" do PT. Esta direção política da categoria, apoiadora do governo Lula, que no plano federal administra a saúde e o Estado de um modo geral igualzinho ao DEM, no Sindsep, descarada e criminosamente, utiliza da categoria como massa de manobra para fins exclusivamente eleitoreiros, tensionando o governo municipal, ligado à direita demotucana, somente com a finalidade de desgastá-lo midiaticamente.

No máximo, as campanhas do sindicato têm como fim conseguir para os funcionários algum "benefício" com características de migalhas pontuais e voláteis. Um exemplo do que estamos falando é a GDA (gratificação por desempenho de atividade) para assistentes sociais e pedagogos, em vigor desde julho de 2010. Como todas as gratificações (não incorporadas ao salário), esta, que mal entrou em vigor, também sofre a ameaça de ser anulada por conta da Lei federal nº 12.317 de 26 de agosto de 2010, que reduz a jornada de trabalho dos assistentes sociais de 40 para 30 horas semanais. A Lei do governo Lula que supostamente beneficiaria o funcionalismo público com uma jornada menor, ameaça eliminar o "benefício" da GDA, oferecido apenas a quem traba -lha 40 horas.

Se quisermos ter um parâmetro, um raio-X da saúde no município mais rico do país, não precisamos nos dedicar muito, basta perguntar a qualquer trabalhador que utilize o serviço público, que ele relatará a dificuldade em marcar consulta nas unidades de saúde, o excessivo tempo de espera para agendar exames, a falta de materiais e imensas filas, dentre outros problemas que todos estamos cansados de presenciar. Mas qual a causa disso tudo?

A resposta é clara e não admite demagogia. A raiz do sucateamento da saúde pública está no capitalismo e não simplesmente no "modelo privatista neoliberal" imposto pelos "democratas", como alega a direção petista do Sindsep, defensora do SUS, modelo de sistema adotado pelo governo federal que também não atende a população trabalhadora e está a serviço do grande capital privado, por exemplo, repassando vultosas somas de dinheiro à indústria multinacional farmacêutica.

Por sua vez, Kassab repassa a gestão e o dinheiro público para empresas que fazem da saúde sua maior fonte de lucro. É a era das "OSs" ou Organizações de Saúde, que nada mais são do que grandes grupos econômicos sanguessugas que recebem dinheiro da prefeitura para administrar os equipamentos de saúde. Entre eles, podemos citar: SPDM - Sociedade Paulista Difusora da Medicina, ACSC - Associação Congregação de Santa Catarina, Associação Saúde da Família, Santa Marcelina, etc., algumas delas, inclusive, sendo geridas por grupos religiosos que são responsáveis por dificultar a entrega de anticoncepcionais para as mulheres trabalhadoras. Em suas mãos já estão grandes hospitais como o Hospital São Paulo e o Hospital do Mandaqui, além de várias Unidades Básicas de Saúde, Centros de Especialidades e todas as AMAs.

O NEGÓCIO LUCRATIVO DAS AMAs

As unidades de Atendimento Médico Ambulatorial (AMAs), apesar da extensa propaganda alardeando aumento do número de médicos, agilidade nas consultas, etc., na verdade são apenas

EM TEMPO

ARGENTINA

Militante do Polo Obrero é assassinado pela burocracia sindical mafiosa e governista

Quando fechávamos esta edição d'O Bolchevique tomamos conhecimento do assassinato de Mariano Ferreyra, de 23 anos, militante do Polo Obrero, braço sindical do Partido Obrero argentino. Na quarta, 20 de outubro, quando se preparava junto com seus companheiros ferroviários terceirizados para bloquear uma linha de trem, reivindicando sua readmissão e efetivação pela empresa Roca, Mariano foi baleado no tórax por bate-paus da burocracia sindical patronal e governista, ligados àCGT.

Em repúdio contra este assassinato, organizações de esquerda e sindicalistas convocaram uma manifestação no dia 21 de outubro no centro de Buenos Aires. Para acalmar os ânimos do proletariado indignado com mais esse ataque brutal antioperário e livrar a responsabilidade de seus agentes sindicais no episódio, a presidente argentina, Cristina Kirchner expressou protocolarmente "seu mais enérgico repúdio".

Nós da LC imputamos mais este crime bárbaro ao governo burguês da Sra. K. e à sua mafiosa burocracia sindical, solidarizando-nos com os militantes do Polo Obrero e com os familiares do companheiro morto. Mariano estará sempre presente como parte da nossa memória na luta contra a precarização trabalhista, a terceirização, as demissões, pela retomada dos sindicatos burocratizados para a base e, fundamentalmente, pela conquista revolucionária de um governo da classe trabalhadora.

unidades de pronto-socorro de baixa complexidade, “distribuidoras de dipironas”, não fazem acompanhamento real e muito menos atuam na prevenção e na vigilância em saúde. Tampouco possuem autonomia para encaminhar os pacientes para médicos especialistas, permanecendo essa função essencial restrita aos poucos médicos das Unidades Básicas de Saúde (UBSs) municipais superlotadas e com filas de atendimento intermináveis. Ou seja, as AMAs mantêm um cuidado paliativo e, fundamentalmente, a serviço da indústria farmacêutica, atuando na linha da medicalização dos sintomas e não do combate às causas das patologias.

O projeto das AMAs tornou-se a “menina dos olhos” da gestão Serra-Kassab, e não poderia deixar de ser. Consegue unir, em sua estruturação, a terceirização do serviço – que além de baixar o custo ainda impede qualquer tipo de controle social da gestão – com a falsa impressão da população de que está sendo melhor atendida, quando na verdade nada mudou, ou melhor, piorou, porque em vez de investir em novas Unidades de Saúde, com toda a estrutura de atendimento e interligadas com a rede de atenção secundária e terciária da saúde, apenas estão se fazendo miniaturas de pronto-socorros que nem acompanham os casos atendidos e nem tem para onde encaminhá-los – já que a saúde pública, de fato, está jogada às traças.

Isso sem contar que nas AMAs não existe nenhum dos programas de vigilância sanitária e epidemiológica, como de controle de tuberculose, hanseníase, dengue, leptospirose, que são doenças que afetam as populações de baixa renda – principais usuárias da rede pública – e também não são oferecidas vacinas, e muito menos atendimento à saúde da mulher ou da criança. Em resumo, representam, ao contrário do que é propagandeado na mídia burguesa, o desmonte e o sucateamento do Sistema Único de Saúde. Como, aliás, não poderia ser diferente, e seria ingenuidade esperar que funcionasse ou subsistisse um sistema de atendimento integral à saúde, público, dentro do estado capitalista. São lógicas opostas.

COM JUSTA RAZÃO, OS PACIENTES ESTÃO CADA VEZ MENOS PACIENTES COM O SISTEMA DE SAÚDE BURGUÊS

Enquanto isso acontece no âmbito da gestão, no dia a dia das unidades os funcionários são obrigados a converter-se em testa de ferro do governo, fazendo de tudo para, apesar de todas as adversidades, servir e atender bem a população. Todavia, como apesar do esforço não podem realizar milagres diante de tamanha precariedade, acabam sendo identificados, muitas vezes, pela população justamente enraivecida, como responsáveis pela falta de qualidade dos serviços prestados. De modo que, tensionados por um ritmo de trabalho extenuante, combinado com a mais completa falta de condições e a pressão da população trabalhadora mal atendida, o funcionalismo atinge níveis de estresse e doenças funcionais jamais vistos.

Para solucionar todos esses problemas e construir o sistema de saúde 100% público e de qualidade que queremos, o único caminho é a união do funcionalismo público com a população trabalhadora usuária da saúde. Esta unidade é o único antídoto contra os governos Lula, Goldman e Kassab que saqueiam e privatizam, vendendo a saúde como mercadoria. Para acabar com esta farra sobre nossas mazelas crescentes é preciso impulsionar a luta pela estatização com expropriação de todas as empresas parasitas da saúde e pelo controle da saúde por conselhos populares dos trabalhadores funcionários e usuários, como parte da luta pela completa destruição do estado capitalista através da revolução social.

Luiza Freitas,
funcionária pública municipal de São Paulo, militante da LC

FRENTE ÚNICA

A partir de uma atividade de frente única de denúncia das eleições burguesas, a LC tratou de estabelecer relações com o CLPI, um agrupamento composto por trabalhadores classistas e combativos que atuam no Sindicato dos Professores da Rede Pública do Estado de São Paulo, APEOESP, um dos maiores sindicatos de trabalhadores do continente americano. Abaixo, publicamos a ata de relações fraternais firmada entre nossas organizações.

Ata de relações fraternais entre a Liga Comunista e o Centro de Luta do Partido Internacionalista

Com o objetivo de contribuir com nossas modestas forças pela resolução da crise essencial da humanidade, a da ausência de uma direção genuinamente revolucionária na condução da luta da classe operária, a Liga Comunista e o Comitê de Luta do Partido Internacionalista estabelecem entre si uma frente única com fraternas relações políticas de caráter operário e revolucionário, fundando o Comitê Operário Revolucionário, COR.

Os dois agrupamentos possuem em comum a concepção estratégica de que toda luta política tem como fim a construção de um partido bolchevique e internacionalista da classe operária, o partido mundial da revolução socialista tal como Marx, Engels, Rosa, Lênin e Trotsky deram suas vidas por construir. As correntes socialdemocratas, stalinistas e revisionistas de todas as colorações foram incapazes de seguir o caminho iniciado pelos mestres do marxismo.

Este partido estratégico precisa fundir a ciência da emancipação dos trabalhadores com suas lutas reais e conduzir o conjunto de conflitos da luta de classes à tomada do poder pelos trabalhadores em todos os países e a organização de governos operários baseados na ditadura revolucionária do proletariado contra o imperialismo e os capitalistas. Todavia, sem um programa marxista revolucionário e sem os métodos da luta de ação direta da classe operária, nenhum destes fins pode ser alcançado.

Os militantes da LC e do CLPI têm como acúmulo de experiência a importante realização em comum da campanha pelo chamado ao boicote e anulação do voto diante da farsa eleitoral nos dois turnos das eleições de 2010. Fizemos um trabalho de agitação e propaganda em São Paulo e no ABC paulista com panfletagens, colagens e pichações.

LC e CLPI estabelecem entre si um temário de discussões políticas contendo: conjuntura nacional e eleições, partido bolchevique e sindicalismo; restauração capitalista na URSS; caracterização da crise capitalista.

Além da campanha pelo voto nulo e boicote às eleições burguesas, o COR tem como um dos objetivos centrais no próximo período, realizar uma intervenção classista e combativa, de oposição revolucionária no próximo Congreso do Sindicato dos Professores da Rede Pública Estadual Paulista, Apeoesp.

Humberto Rodrigues, pela LC
Chico de Mauá e Maria, pelo CLPI

Contra o ceticismo, construir o partido trotskista revolucionário da classe operária!

"Nenhuma situação, por cinzenta e pacífica que seja, como tampouco nenhum período de decaimento do espírito revolucionário exclui a obrigatoriedade de trabalhar pela criação de uma organização de combate, nem de levar a cabo a agitação política; mais ainda, é precisamente em tais circunstâncias e tais períodos que é especialmente necessário o trabalho indicado porque em momentos de explosão e estouros é tarde para criar uma organização. A organização tem que estar pronta para desenvolver sua atividade imediatamente."

Lenin,
Por onde começar,
1900

Apresentamos aos trabalhadores, à juventude e à vanguarda do movimento operário os motivos de nossa ruptura com a Liga Bolchevique Internacionalista.

Como em nenhuma época histórica anterior, a carência de uma direção revolucionária do proletariado cobra hoje seu preço. Faz um século que o capitalismo entrou em sua decadência senil. Embora goze do maior grau já atingido pela humanidade em sua evolução tecnológica, arrasta a civilização para a barbárie, degradando o ser humano e todo o resto da natureza. Concomitantemente, as correntes que se reivindicam marxistas estão reduzidas a pequenos agrupamentos de propaganda sem absolutamente nenhuma influência real sobre as massas proletárias, as únicas que podem liquidar a agonia capitalista.

Marx e Engels tinham o direito legítimo de constituir uma liga de propaganda na aurora do socialismo científico. Todavia encontrar-se nesta condição 150 anos depois da elaboração do Manifesto do Partido Comunista não é mais um direito, mas uma deformidade retardatária que contribuiu decididamente com o agravamento das condições de vida da classe trabalhadora sob a decadência do capitalismo. A inexistência de uma direção revolucionária para a luta das massas se relaciona com a barbárie imperialista de forma dialética, como causa e efeito. Como Trotsky prognosticara, as condições objetivas para a revolução proletária apodrecem e a humanidade caminha para uma catástrofe.

Também não é válido justificar a impotência atual usando como parâmetro a debilidade das primeiras organizações trotskistas na década da fundação da IV Internacional. Trotsky e seus camaradas estavam submetidos a uma caçada de extermínio físico por parte da GPU (futura KGB), aos Processos de Moscou, no auge da degeneração burocrática e policialesca do primeiro Estado operário e da III Internacional. Simultaneamente, graças ao stalinismo, a revolução chinesa foi afogada em sangue, os processos revolucionários na França e Espanha foram abortados pelas frentes populares e ditaduras nazi-fascistas passaram a controlar importantes Estados capitalistas. Além de criar a reação fascista, como contraponto à URSS, o imperialismo tratou de resolver a crise de superprodução de 1929 através da II Guerra mundial.

Sob terríveis perseguições, a vanguarda revolucionária do proletariado, o núcleo fundador da IV Internacional, foi, segundo a expressão do próprio Trotsky, "exilado de sua própria classe". A repressão física fatal que liquidou todo o comitê central bolchevique, os melhores elementos da geração que realizou a revolução de 1917, também assassinou os melhores quadros da IV Internacional. Nem de longe esta eliminação física e objetiva pode ser comparada ao isolamento ideológico de hoje. São duas circunstâncias desfavoráveis que exigem táticas de sobrevivência distintas.

A atrofia política da LBI só pode ser compreendida no marco das consecutivas derrotas da classe operária nos últimos 20 anos. É preciso destacar: compreendida, mas não justificada. A LBI nasceu depois de todas as ondas do movimento de massas brasileiro (greves metalúrgicas contra a ditadura que desembocaram na fundação do PT e da CUT, movimento nacional pelas "Diretas-Já!", polarização eleitoral de 1989, Fora Collor) e sob a ofensiva anticomunista gestada pela principal derrota do proletariado mundial, a contrarrevolução que restaurou o capitalismo na URSS e no Leste Europeu (1989-1991). Para piorar, se a desmoralização da era pós-URSS se abateu sobre a esquerda mundial na década de 1990,

no Brasil, este quadro se agravou, particularmente, pela consolidação do mais aprimorado mecanismo de cooptação da vanguarda operária existente no planeta, com a ascensão da frente popular ao governo federal em 2002.

A jovem corrente nasceu órfã e solitária por suas posições programáticas principistas, defendendo retrospectivamente um Estado operário, a URSS, que já não existia mais e combatendo a frente popular que tornou-se o principal instrumento da dominação burguesa no Brasil e do imperialismo no continente. Neste quadro se impôs de maneira crescente um sentimento de impotência e conformação diante de situações cada vez mais desfavoráveis para a luta dos trabalhadores. No último período, ciente da nova ofensiva reacionária gerada pela crise econômica, a LBI cristalizou um curso político de reduzir suas atividades de combate ao revisionismo no âmbito literal-virtual, dentro do pequeno mundo da fração de esquerda da frente popular que orbita em torno do PSOL e PSTU.

A QUE HERANÇA RENUNCIAMOS?

Este pequeno universo da oposição pequeno-burguesa tornou-se mais esquálido nas eleições de 2010, sendo esmagado pela pressão da frente popular e da oposição burguesa, reciclada em torno da simbiose petista-tucana que foi a candidatura Marina. Elegendo como centro de sua intervenção a ala esquerda desta oposição pequeno-burguesa, a LBI limita-se a realizar uma admoestação completamente inócua sobre o pseudotrotskismo que gravita neste meio político.

Diante da reação crescente, os revisionistas em geral vendem as derrotas da classe como se fossem vitórias. Assim, a contrarrevolução na URSS foi vendida como algum tipo de "revolução política"; o crash financeiro mundial que justificou o agravamento do saque aos salários e aos direitos históricos dos trabalhadores, foi anunciado como o prenúncio de uma implosão do capitalismo.

O objetivo destas delirantes falsificações da realidade é dissimular a desmoralização e a própria impotência diante da reação e euforizar a militância. Não comungando destes métodos, mas padecendo de mesma impotência, a LBI cai na prostração, quando é obrigada a constatar que sua intervenção sobre o revisionismo não surte qualquer efeito político e menos ainda organizativo.

Enquanto os pseudotrotskistas desesperados para sair da marginalidade adaptam-se às direções oportunistas e às pressões da reação ideológica, adotando cada vez mais um caráter vergonhosamente colaboracionista de aconselhadores de esquerda da frente popular, a LBI contenta-se em fazer parte desta cadeia sendo a extrema esquerda dedicada a fazer admoestação crítica aos que aconselham a frente popular.

Os fundadores da IV Internacional foram executados pelo stalinismo e seus seguidores declinaram da tarefa de reconstruí-la, abandonando os princípios mais elementares das teses da revolução permanente e do programa de transição para seguir a reboque, primeiro, do próprio stalinismo, depois da socialdemocracia e do nacionalismo burguês. Do mesmo modo e mais cedo ainda desertaram do combate pela consciência da classe operária, onde se localiza a reserva social e política para romper com o isolamento político e a "solidão revolucionária".

Também desprezando o trabalho paciente por formar quadros operários por fora do círculo hiperdeformado da pequena-burguesia e da aristocracia operária brasileiras, a LBI impôs a si um beco sem saída. Vítima passiva de conjunturas cada vez mais desfavoráveis à luta da classes, a LBI chegou a meados de 2010 prostrada diante da reação ideológica anticomunista pós-URSS e em especial da pressão da frente popular no Brasil.

Mesmo que se possa objetar que frente à militância virtual que caracteriza centenas de agrupamentos de esquerda do século XXI a LBI seja uma das mais ativas cor-rentes, a autoexclusão do movimento operário, o traba-lho exclusivamente microvanguardista em uma militância sindical escolada no anticomunismo e no antibolchevismo petistas, nunca construirá uma organização revolucionária do proletariado. Está mais do que provado que prognósticos corretos, acertos políticos e iniciativas dirigidas a este tipo de gente tão profundamente desmoralizada, por mais justos que sejam, por si só não elevam a classe trabalhadora à altura de suas tarefas históricas. Na melhor das hipóteses, podem gerar, na expressão de Trotsky, "um clube de discussão de alto nível" (A composição social do partido, Escritos, 10/10/1937), completamente à margem da luta para elevar a classe trabalhadora ao nível da luta por seus interesses históricos, de libertação da idiotia e da bestialidade a que está submetida para dar à história um curso diferente da barbárie imperialista.

Renunciamos à herança dos que desprezam o trabalho de elevar o proletariado à consciência bolchevique, comum à totalidade do revisionismo, e que a LBI não foi capaz de superar, nem o quis. Todas as organizações de esquerda no Brasil abandonaram o trabalho de formação de quadros operários pelo menos desde a década de 1980. As mais novas, já educadas pela escola petista, de relações completamente deformadas com a classe (trade-unismo, cretinismo parlamentar, populismo, assistencialismo), reproduzem desvios do lulismo como o PSOL e o PSTU.

Quando falamos de educação da classe não nos referimos a escolinhas de socialismo para estudantes e trabalhadores, realizadas completamente à margem da luta política de partidos. Nem temos a ilusão de que os trabalhadores encontrarão o socialismo a partir do acúmulo de experiências sindicalistas, movimentistas ou "de lutas". É necessário o recrutamento das massas nas lutas, nos locais de trabalho e estudo para a compreensão estratégica da organização política, instruí-las na ideologia comunista rumo à construção de um partido de vanguarda. Em nível imediato e direto, ajudá-las a combater o principal câncer do movimento de massas brasileiro, o lulismo e seus satélites, que sabotam a luta de classes do caminho da revolução social.

VOLTAR AO MOVIMENTO OPERÁRIO PARA PREPARAR A NOVA GERAÇÃO DE QUADROS REVOLUCIONÁRIOS QUE SUPERARÃO A DEFORMAÇÃO DA ERA LULISTA!

Para nadar contra a corrente, enfrentar o oportunismo encastelado no Estado, seus satélites centristas adaptados ao regime em meio ao refluxo das lutas espontâneas, durante uma situação cinzenta, pacífica e de decaimento do espírito revolucionário, nosso trabalho precisa ser sobretudo paciente e abnegado. Temos claro que não há outro modo de superar o período lulista da história do movimento operário brasileiro sem que uma nova geração de quadros operários sejam preparados sob um programa trotskista. O que indica, portanto, que devemos começar

a tarefa voltando ao movimento operário. Não há atalho.

O novo curso requer desenvolver a agitação política revolucionária sobre as massas, atividade que as pequenas organizações abandonaram ou a fazem de modo extremamente atrofiado e os centristas e grandes partidos oportunistas a fazem de modo deformado. Isto não implica em qualquer desprezo pela luta teórica ou ideológica em defesa dos princípios. Sem esta propaganda não haverá formação genuinamente marxista e menos ainda movimento revolucionário.

A história não acabou, toda a vida política é uma luta sem fim composta de um número infinito de elos. É hora de furar o cerco oportunista restabelecendo estreitos vínculos com a classe que, por seu papel na produção, é a mais progressista da sociedade atual. Sem qualquer pretensão de inventar uma fórmula nova de organização política, reivindicamos a luta pela construção de um partido de revolucionários profissionais, centralizado, conspirativo, composto pela vanguarda consciente do proletariado do século XXI.

Apropriando-se dos melhores recursos logísticos de hoje para levar adiante a tarefa, é preciso retomar os bons e velhos métodos bolcheviques de agitação, propaganda e organização política que levou mais adiante a luta pelo socialismo, que foram capazes de levar os trabalhadores conscientemente à tomada do poder através da revolução social e à instauração de sua ditadura revolucionária.

DA PROSTRAÇÃO AO CETICISMO, VÁRIOS PASSOS ATRÁS

O reconhecimento da classe operária como protagonista histórica da revolução socialista consta nos pontos programáticos da LBI. É repetido em muitas conclusões de seus artigos. Mas converteu-se em letra morta na medida em que o próprio agrupamento convenceu-se após três ofensivas mundiais do imperialismo (restauração capitalista nos Estados Operários, guerra ao terror pós 11/9/2001 e crise econômica de 2008) de que não apenas a revolução não era mais uma tarefa para nossas vidas, mas que a luta pela própria construção do partido bolchevique da classe operária já não tinha mais vigência prática efetiva. Daí a conclusão catastrófica da maioria da direção na reunião do dia oito de setembro de 2010: "frente ao atual retrocesso ideológico na classe é impossível a um núcleo revolucionário inserir-se no proletariado". Trata-se, nada mais, nada menos, do que da fórmula da prostração, como caracterizamos durante a própria reunião.

Esta concepção norteou outro passo atrás. Em meio a uma crise desagregadora com um militante da regional paulista no mês de julho de 2010, a maioria do CC, contra as posições de Humberto, decidiu por baixar as portas da regional São Paulo e reconcentrar a LBI em Fortaleza.

A decisão significava uma reversão autofágica da acertada orientação política deliberada na IV Conferência da LBI, tomada cinco anos antes, que orientou o deslocamento gradual da direção política da corrente de Fortaleza para São Paulo, justificado pelo fato de a capital paulista ser a principal cidade operária da América Latina e centro político nacional do Brasil.

E o pior é que tamanho recuo não seguia nem um plano estratégico, apenas cristalizava o curso de prostração da corrente.

A maioria da direção da LBI dava um passo atrás em uma orientação de estruturação que até então marcava uma das principais diferenças entre a ousadia da corrente e a prostração dos demais pequenos agrupamentos regionais. Com esta medida a LBI retrocedia do seu nacional-trotskismo para o que poderíamos chamar de forma muito otimista de municipal-trotskismo. Ao completar 15 anos de existência, 200 edições do Jornal Luta Operária e ter se tornado uma referencia política principista na vanguarda de esquerda nacional e internacional, a LBI retrocedia em direção a converter-se em um organismo monocelular. A renúncia à luta pela consciência da classe conduz, invariavelmente, à revisão do ABC do trotskismo. O próximo passo é responsabilizar o proletariado e não sua covarde direção política pela situação sem saída em que se encontra a humanidade.

Em nenhum país, sob nenhuma circunstância, o proletariado por si só foi capaz de compreender sua tarefa histórica. Somos obrigados a lembrar que a alienação ou a falta de consciência política do proletariado não são fenômenos novos para o marxismo. Muito pelo contrário, aprendemos que as ideias dominantes entre os trabalhadores, são as ideias das classes dominantes, que os operários não desenvolvem sozinhos a consciência socialista, que esta só pode ser introduzida de fora da classe pelos intelectuais materialistas dialéticos como foram Marx, Engels, Lenin e Trotsky.

Mas, se a vanguarda marxista, oriunda da pequena burguesia, acomodou-se e só faz política entre si, recorrendo à classe operária apenas para lhe pedir apoio em eleições sindicais ou burguesas, como pode o trotskismo penetrar na classe? Esperar que o proletariado, sob o impacto das derrotas históricas e da educação ministrada pelo cretinismo parlamentar, trade-unismo, onguismo, ... não retroceda por décadas em sua compreensão política, é idealizar um proletariado que não existe nem nunca existiu.

As massas repletas de contradições internas só terão sua consciência modificada em favor da revolução se os marxistas o fizerem. Pensar de outro modo é apostar no espontaneísmo que nada tem a ver com o leninismo. Lavar as mãos para esta tarefa, considerando-a "impossível" consolida o pernicioso divórcio da teoria política com a classe, conduz à ruptura programática com o trotskismo e, seguramente, ao ceticismo.

EM DEFESA DA LUTA PELA CONSCIÊNCIA DOS TRABALHADORES

A derrota do proletariado da Europa em geral e grego, em particular, obrigado a pagar de maneira exemplar o custo da farra dos especuladores europeus e ianques depois de várias greves gerais, comprova de maneira cabal que para qualquer futuro triunfo proletário é imprescindível que as massas sejam conduzidas por uma direção revolucionária. Mesmo que entre o cinzento momento atual e a próxima "explosão", para usar a expressão de Lenin na frase que abre este documento, dure décadas, acreditamos que o fundamento de nossa existência deva ser criar a organização de combate e fazer a agitação política que salve o porvir.

A maioria da direção da LBI também argumenta que tais concepções de nossa parte não justificam a ruptura, uma vez que mesmo que as críticas da minoria estejam certas, a LBI "não atravessou o Rubicão", "não rompeu programaticamente com a fronteira de classe". A realidade não é bem assim. Nem a cisão entre bolcheviques e mencheviques nem a ruptura entre defensistas e derro-

tistas dentro da IV Internacional, importantes divisões do marxismo pareceram essenciais ao primeiro momento. No entanto, depois de 15 anos sem tomar para si a tarefa de construir-se dentro do proletariado, de mais de 10 anos de isolamento nacional no plano organizativo, encontrando-se hoje com seu pequeno trabalho sindical agonizando, a crise da direção cobrou seu preço também para a LBI, levando-a a prostração ceticista.

O próprio Trotsky que no início do século XX não achou justa a ruptura entre bolcheviques e mencheviques russos, avalia, duas semanas antes de seu assassinato, a cisão, desta vez, no interior do SWP estadunidense: "Se tomarmos as diferenças políticas tais como são, podemos dizer que não eram suficientes para uma cisão, mas se elas desenvolveram uma tendência para se desviar do proletariado, indo em direção aos círculos pequeno-burgueses, então essas mesmas diferenças podem ter um valor absolutamente diferente; um peso diferente; se estão ligadas com um grupo social diferente. Este é um ponto importante. (...) Isto é muito característico do intelectual desmoralizado. Vê a guerra, a terrível época que temos pela frente, com perdas, com sacrifícios, e tem medo. Começa a propagar o ceticismo e acredita que é possível unificar o ceticismo com a devoção revolucionária. Só podemos desenvolver uma devoção revolucionária se estamos certos de que é racional e possível, e não podemos ter tal certeza sem uma teoria operante. Aquele que propaga o ceticismo teórico é um traidor. (Sobre o Partido "Operário", Leon Trotsky, 7/8/1940).

Retrocedendo em direção ao ceticismo prático a LBI estagnou com o passar dos anos. Restringiu-se a impulsionar um recrutamento ocasional, relativamente anárquico e empírico de sua cada vez mais limitada área de influência sindical dispersa pela inexistência sequer de plenárias da Tendência Revolucionária Sindical (TRS) em Fortaleza. Contentou-se em marcar presença testemunhal-crítica ao calendário sindical do bloco de aconselhamento pela esquerda ao lulismo conduzido pelo PSTU. Vale destacar que a crise partidária de julho se agravou após uma importante participação sindical da corrente no Conclat de Santos.

Realizamos brilhantes denúncias do caráter burocratizado, impotente e liquidacionista, oposto a armar a classe contra a frente popular, da direção da Conlutas. Todavia, a falta de uma nucleação permanente e estrutural, de formação de quadros revolucionários agravou profundamente o isolamento político que o cerco da frente popular e seus satélites impuseram à LBI. Nossa estéril intervenção na vanguarda de esquerda do movimento operário é dirigida a ativistas viciados que há muito vivem do aparato sindical a trair a própria categoria.

A modo de conclusão, por uma década e meia reivindicamos às raposas que não comam as galinhas, recusando-se ao trabalho de ensinar às galinhas as habilidades das águias.

A LBI é vista como um agrupamento que até pode fazer críticas e prognósticos acertados, mas que não se dispõe a lutar de forma consequente pela consciência do proletariado contra o entorpecimento frente-populista a que o conduzem os oportunistas que critica.

Romper com uma orientação que renuncia à disputa pela consciência do proletariado contra o oportunismo e o revisionismo é uma obrigação daqueles que têm como estratégia de vida a militância revolucionária trotskista.

As concepções do trotskismo e do ceticismo são inconciliáveis. Recordamos uma vez mais o velho bolchevique diante dos céticos que sob pressões hostis da reação anticomunista germinaram dentro das fileiras da IV Internacional: "Formar-se-á uma verdadeira direção revolucionária, que seja capaz de dirigir o proletariado rumo à conquista do poder? A Quarta Internacional responde esta questão afirmativamente, não só através do texto de seu programa, mas também através do fato mesmo de sua existência. Todas as distintas variedades de representantes desiludidos e atemorizados do pseudo-marxismo, atuam, pelo contrário, baseados na suposição de que a bancarrota da direção "reflete" somente a incapacidade do proletariado para levar a cabo sua missão revolucionária. Nem todos nossos opositores expressam claramente este pensamento, mas todos eles – ultraesquerdistas, centristas, anarquistas, para não mencionar os stalinistas e os socialdemocratas – descarregam sua responsabilidade pelas derrotas nas costas do proletariado. Nenhum deles assinala sob que condições precisas o proletariado será capaz de levar a cabo a virada socialista.

Se admitirmos que é verdade que a causa das derrotas residem nas qualidades sociais do próprio proletariado, então a situação da sociedade moderna deverá ser considerada como desesperadora. Sob as condições do capitalismo decadente, o proletariado não cresce nem numericamente e nem culturalmente. Portanto, não existem motivos para esperar que em algum momento se coloque à altura das tarefas revolucionárias.

A questão se apresenta de forma completamente diferente para aquele que tem claro o profundo antagonismo que existe entre a exigência orgânica, profunda e insuperável das massas trabalhadoras para se libertarem do sangrento caos capitalista, e o cadáver conservador, patriótico e completamente burguês da direção do movimento operário, que sobrevive por si mesma. Devemos escolher entre uma destas duas concepções irreconciliáveis." (O proletariado e sua direção, A URSS na Guerra, Leon Trotsky, 25/09/1939).

De fato, nem todos os céticos expressam clara e formalmente sua crença de que o proletariado tornou-se incapaz de seguir uma estratégia revolucionária. No caso da LBI, após a nossa ruptura, a corrente vem tentando dissimular sua prostração com condenas literais à prostração, uma elevada dose de ufanismo, um ritmo de redação de textos frenético, acima do habitual e até com a reconstituição urgente da recém liquidada regional de São Paulo. Temos razões de sobra para acreditar que estes gestos tenham fôlego curto, visando apenas camuflar a nível bastante imediato a prostração cristalizada ao longo dos anos.

POR UMA VANGUARDA PROLETÁRIA DA IV INTERNACIONAL

Tomamos a iniciativa de romper com a LBI, cientes das pressões voluntaristas, basistas e obreiristas que ameaçam nosso novo curso. Não deixaremos de cometer erros nesta nova empreitada. A princípio nosso programa será inevitavelmente incompleto e confuso. Recorreremos ao estudo da cara experiência dos comunistas do passado para tratar de dissipar tais confusões. Sobretudo, trataremos, juntamente com os setores da classe que conosco militarem, de aprender com os erros. Não há outro modo de ter acesso direto aos trabalhadores e ganhar sua confiança mediante táticas corretas sem uma experiência desenvolvida em comum. Só é possível ganhar o proletariado

para uma organização revolucionária estreitando os vínculos com suas camadas mais conscientes ainda não deformadas pelos numerosos tentáculos do imenso aparato governista da frente popular, incluindo as Intersindicais e a Conlutas.

Isto significa abandonar a luta nos fóruns destas entidades? De modo algum. Significa que, além disto, é preciso construir oposições de base, comunistas, revolucionárias dentro de cada sindicato contra as direções das centrais burocráticas controladas abertamente pelos governistas ou por seus satélites.

Contamos com a enorme vantagem de ter a favor do sucesso da tarefa a extrema carência que sofre o proletariado de uma organização política disposta a criar em seu meio uma militância de quadros bolcheviques armados de um programa trotskista. A tarefa do momento é construir uma oposição operária e revolucionária ao governo Lula e ao governo burguês que o substituirá.

Ao cair nas mãos daqueles canalhas que sempre foram acertadamente o alvo das denúncias da LBI este documento corre o risco de provocar alguma perversa satisfação moral. Aconselhamos a estes senhores que desfrutem deste primeiro e curto instante ao máximo. De agora em diante, não poderão mais se aproveitar do fato de que a organização trotskista que os condena estará isolada dos destacamentos de vanguarda da classe operária que sobre vós marcharão na luta contra a colaboração de classes e pela tomada do poder pelos trabalhadores rumo à edificação de um futuro socialista para a humanidade.

Humberto Rodrigues

fundador e ex-membro do Comitê Central da LBI, integrante do conselho editorial do Jornal Luta Operária e da Revista Marxismo Revolucionário;

Nádia Silva

ex-militante da LBI e da TRS;

Luiza Freitas

ex-militante da LBI e da TRS;

Pilar Oliveira

ex-militante da LBI e da TRS

Outubro de 2010

FRANÇA

Novamente o proletariado encontra-se diante da velha encruzilhada: superar o freio imposto por suas direções oportunistas ou ser derrotado pelo imperialismo

Como na Grécia, e em menor medida na Espanha, o proletariado francês e a juventude saíram às ruas contra os planos de ajustes pós-crise econômica. O principal ataque promovido pelo governo Sarkozy é a reforma previdenciária que institui o aumento da idade mínima para aposentadoria de 60 para 62 anos e de 65 a 67 para ter o direito ao valor integral da pensão.

O movimento massifica-se com a mobilizações de 3 milhões de pessoas. Setores estratégicos da produção entraram em cena como os petroleiros, ferroviários e caminhoneiros, interrompendo o fornecimento das refinarias de petróleo e bloqueando depósitos de combustíveis. Na queda de braço pelo controle do combustível ordenou a repressão aos piquetes e o movimento reagiu com radicalidade, contando com o apoio da juventude. Todavia, as direções sindicais e partidárias oportunistas que foram forçadas a encabeçar o movimento para poder descabeçá-lo preparam uma profunda traição a esta importante luta. Desde março, quando começaram os protestos, as oito centrais sindicais capitaneadas pelas CGT (dirigida pelo Partido Comunista Francês), CFDT (ligada ao PS, apoiou a primeira reforma previdenciária de Allan Juppé em 2003) e Força Operária (PS e pseudotrotskistas) sabotam a unidade do movimento em uma greve geral, organizando “dias de luta” impotentes e “greves renováveis” (greves por tempo indeterminado referendadas a cada assembleia) dispersas.

Dada a força do movimento, a mídia patronal não tem conseguido jogar os setores mais amplos da população e particularmente a pequena-burguesia contra os grevistas diante do desabastecimento dos combustíveis. Pelo contrário, a simpatia popular com as mobilizações é crescente enquanto a popularidade do fascistoide Sarkozy, cada vez mais truculento, despenca. No entanto, as centrais pelegas, PS, PC e seus satélites (Lutte Ouvrière, Novo Partido Anticapitalista, POI lambertista) fazem demagogia com a luta enquanto reivindicam a reabertura de negociações, propoem emendas à famigerada reforma previdenciária e condenam as ações violentas, como sempre fazem, impondo o isolamento da vanguarda mais combativa do movimento em favor da preservação da democracia burguesa da V República. Vale lembrar que há uma década, os mais radicalizados protestos da população pobre francesa passaram à margem de toda a esquerda pequeno-burguesa, quando a população imigrante realizou jornadas de enfrentamentos com a polícia, ateando fogo em milhares de automóveis. Há poucos meses, estes mesmos partidos deixaram que os ciganos fossem expulsos da França sem mover um dedo.

CRIAR COMITÊS DE AÇÃO DE OPERÁRIOS, ESTUDANTES E IMIGRANTES PARA QUEBRAR A RESISTÊNCIA CONTRARREVOLUCIONÁRIA DAS CENTRAIS E PARTIDOS OPORTUNISTAS E DERROTAR SARKOZY E O IMPERIALISMO

Os trabalhadores estatais e privados, a juventude e os imigrantes precisam passar por cima das direções conciliadoras e legalistas para defender suas conquistas históricas da ofensiva de Sarkozy. Impulsionar assembleias intersindicais, comitês de autodefesa e ação de operários, estudantes e imigrantes para quebrar a resistência contrarevolucionária das centrais e partidos oportunistas e derrotar o conjunto do regime, retomando o caminho da unidade operária e estudantil de 1968 e da Comuna de Paris que, com todos seus limites, foi o movimento que primeiro ensinou ao proletariado mundial o caminho das pedras na luta por um governo próprio da classe trabalhadora. Para desempenhar todas estas tarefas é fundamental construir um partido revolucionário multiétnico dos trabalhadores da Europa que realize uma rigorosa delimitação com os pseuotrotskistas mandelistas, lambertistas, healystas e traidores de todo o gênero que enlamearam a IV Internacional colocando-se a reboque do social-imperialismo.

O próximo levante proletário será na Inglaterra contra os cortes estatais e a demissão em massa anunciados pelo governo conservador liberal-democrata. A classe se levanta em todo o velho continente, mas tende a ser derrotada e pagar os altos custos da orgia financeira que gerou a crise economica, se não possuir uma direção política à altura das tarefas que lute para aposentar de uma vez por todas os expropriadores capitalistas.

Nossa denúncia operária, revolucionária e ativa à farsa eleitoral burguesa

Diante das fraudulentas eleições burguesas, a Liga Comunista e o CLPI realizaram uma ativa campanha de agitação política pelo voto nulo e boicote à farsa patronal, denunciando a democracia burguesa, as três candidaturas majoritárias do regime (Dilma, Serra e Marina) e também a política dos partidos e candidatos pequeno-burgueses, PSOL, PSTU, PCB e PCO.

A "Frente de Esquerda" apresentou-se completamente estilhaçada sob a pressão da frente popular. As correntes satélites do PSTU e PSOL (LER, NN) limitaram-se a chamar voto nas candidaturas revisionistas completamente apartadas da luta das massas. Os demais agrupamentos (POR, LBI, ...) contentaram-se em defender boicote ou voto nulo "de pijama", sem qualquer atividade de agitação política junto à população trabalhadora.

A partir de suas pequenas forças militantes, a LC e o CLPI montaram um Comitê Operário Revolucionário (vide ata de constituição do COR, no interior d'O Bolchevique) e realizaram panfletagens, colagens e pichações em locais de grande aglomeração de proletários na capital paulista, grande São Paulo e ABC, estações de metrô, trens, terminais urbanos, universidades e escolas.

NEM DILMA, NEM SERRA

Construir a oposição revolucionária dos trabalhadores ao governo burguês legitimado pela farsa eleitoral!

Liga Comunista - LC
Centro de Luta do Partido Internacionalista - CLPI
Comitê Operário Revolucionário

ANULE SEU VOTO OU BOICOTE A PALHAÇADA DO CIRCO ELEITORAL BURGUÊS!

CONSTRUIR UMA OPOSIÇÃO OPERÁRIA REVOLUCIONÁRIA AOS GOVERNOS DE DILMA E ALCKMIN

Dilma será eleita porque é a candidata de Lula, o presidente do país que deu mais lucro a classe dominante desde que os portugueses chegaram ao Brasil. O programa dela é o mesmo de Serra, do PSDB, e de todos os outros partidos e candidatos que defendem os interesses dos capitalistas.

Mas os patrões preferem o PT, porque, juntamente com o PCdoB, ele dirige a CUT, MST, UNE, sindicatos, associações, ONGs que agem como testas-de-ferro do governo dentro dos movimento sociais, contendo qualquer resistência ou revolta. Além disto, mantêm uma parte da população pobre enganada com bolsas esmolas enquanto a grande maioria é levada a acreditar que sua vida melhorou porque agora pode comprar carros, eletrodomésticos, computadores, celulares... em dezenas de prestações. Mas, recebendo salários miseráveis, para pagar as dívidas o trabalhador é obrigado a trabalhar mais, até nos finais de semana, levando horas intermináveis dentro do transporte coletivo, acabando por ter uma qualidade de vida ainda pior do que antes.

Enquanto Lula e seus aliados oligarcas regionais como Roseana Sarney, Cid Gomes e cia vencerão as eleições para governador em 99% dos Estados, com Alckmin o PSDB é mantido no governo de São Paulo, o Estado mais rico do país, para pressionar o PT a ceder mais ainda aos interesses de toda classe burguesa. Marina, do PV, é uma candidatura que tem o mesmo programa político de Dilma e Serra. Tenta se apresentar como defensora do meio ambiente, enquanto tem como vice o dono da Natura, uma das empresas que mais praticam biopiratária no país.

As candidaturas do PSOL (Plínio de Arruda), PSTU (Zé Maria), PCB (Ivan Pinheiro) e PCO (Rui Pimenta) tem apenas discursos socialistas querendo seus lugares ao sol na democracia dos ricos. Choramingam por não terem espaço nos grandes meios de comunicação que pertencem aos patrões. Na prática, não desmascaram a fraude eleitoral, mas legitimam-na. Fora das eleições, estes partidos "socialistas" são auxiliares do PT e do PCdoB para enganar os trabalhadores e trair suas lutas.

O PSTU abortou a greve da Embraer, mesmo dirigindo o sindicato que deveria organizar a luta contra a demissão de 4.200 metalúrgicos em 2009. No primeiro semestre de 2010, juntamente com o PSOL, PT e PCdoB na Apeoesp, o PSTU desmontou a greve dos professores de São Paulo, contribuindo para que o governo tucano derrotasse os trabalhadores e piorasse a educação. PSOL e PSTU defendem as propostas dos empresários da Fiesp como a redução da taxa de juros mas não defendem o fim da polícia que mata trabalhadores, jovens e negros pobres, propoem uma mera "humanização" da PM assassina.

O PCB sempre se aliou a burguesia. Em todas as eleições e inclusive nestas, se coliga com o que há de mais reacionário dentre os partidos capitalistas, como o PTB de Romeu Tuma, Collor e Roberto Jefferson no Amapá. O PCO está junto da CUT governista. Na categoria dos correios fura as greves e chama a votar no PT (no Sindicato dos Correios da Bahia), o partido que através do governo federal controla a ECT, promove esquemas de corrupção para assaltá-la e quer privatizá-la. É destes "socialistas" que a burguesia gosta, os que confundem os trabalhadores.

Embora sejam os patrões que impõem seus candidatos nas eleições, a população é obrigada a votar nos seus carrascos. Na falta de candidatos que representem os seus interesses, muitos pensam que votando em quem não se parece com os políticos tradicionais, estarão expressando sua insatisfação. A classe dominante já percebeu isto e quer fazer o eleitor de palhaço. Quem por exemplo vota no Tiririca, acreditando que está protestando contra o regime, mal sabe que a grande votação do palhaço vai eleger os corruptos bispos da igreja universal que controlam o PR, que faz parte da coligação encabeçada pelo PT, o principal partido do regime hoje.

Por tudo isto, a população trabalhadora precisa realizar um verdadeiro protesto boicotando as eleições ou anulando o voto. Precisa deixar de ser enganada pela democracia dos ricos e seus partidos para construir um autêntico partido comunista e revolucionário da classe trabalhadora. Foi neste sentido que a LC e o CLPI fundaram o Comitê Operário Revolucionário (COR), para organizar a luta direta por salários, moradia, transporte, educação e saúde. É preciso ter claro que só teremos melhorias de vida se derrotarmos os capitalistas e seus governos como Dilma e Alckmin através da revolução social.

Liga Comunista – Centro de Luta do Partido Internacionalista

Comitê Operário Revolucionário (COR) - entre em contato conosco: **corevolucionario@gmail.com**